

A inevitabilidade dualista da relação corpo/mente

No mais profundo da consciência ontológica do ser humano, radica a inevitável separação entre substância física e substância não física, consubstanciada no binómio corpo/mente. Este dualismo, necessário para explicarmos porque sentimos o que sentimos quando poderíamos não sentir nada, é uma das questões mais fascinantes e complicadas que tem vindo a ocupar várias páginas de livros e horas de discussão, na incessante procura de uma resposta satisfatória. Se, por um lado, as leis e propriedades do domínio físico parecem insuficientes para explicar o comportamento da nossa mente, por outro, contemplamos maravilhados a complexa e alucinante concordância entre aquilo que experienciamos e aquilo que o nosso cérebro nos diz que experienciamos. Descodificando esta relação concordante, tomemos como exemplo a seguinte situação: quando cheiramos uma laranja, sentimos exactamente o cheiro de uma laranja. E porque não o cheiro de um limão? Quer-me parecer oportuno, neste momento, introduzir mais uma questão para reflexão. Admitindo que tudo tenha uma explicação num universo estritamente físico, como explicaremos a sensação subjectiva? Na verdade, a separação entre o verdadeiramente físico e a consciência parece estar ligada a uma meticulosa acção do criador, que não encontra melhor exemplo do que na distinção cartesiana de *res cogitans* e *res extensa*. Diz Descartes:

Por um lado tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante não-extensa; e, por outro lado, tenho uma ideia clara e distinta do corpo, na medida em que é simplesmente uma coisa externa, não pensante. (Descartes, Sexta-meditação, AT VII 78: CSM II 54)

Tal como Descartes, recusamo-nos a aceitar a nossa condição puramente atómica. Não nos vemos na pele de um automóvel, de um frigorífico ou de um computador. É essa nossa determinação dualista que nos leva a evitar Espinosa e a admitir que Leibniz nos é cómodo quando, mais uma vez, tentamos encontrar a solução para o “sincronismo helvético” entre corpo e mente. Pensamos pensar separadamente, e assim alimentamos esta inevitabilidade dualista que afasta como hipótese que, quanto à consciência, seja pensável a sua não existência.

Paulo Pinto